

MUHATU DE ANGOLA: ENTREVISTAS COM ELISANGELA RITA¹

MIRIANE PEREGRINOⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-4410-347X>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Entrevista com a slammaster angolana, Elisangela Rita (1988-), sobre as competições Luanda Slam e Muhatu, batalha feminina de spoken word – duas competições pioneiras na cena de *poetry slam* no país. O presente texto visa costurar as narrativas de uma série de entrevistas realizadas, primeiro de forma presencial e depois remota, com Elisangela Rita desde 2018 aos dias atuais e aprofundar questões que apenas iniciei no artigo “Muhatu e a virada do spoken word em Angola”, escrito ainda sob o impacto do primeiro contato com a cena do slam com mulheres em Angola.

Palavras-chave: Gênero; Angola; Performance; *Slam*; *Spoken word*

Elisangela Rita nasceu em Luanda, é poeta graduada em direito pela Universidade de Pretória, da África do Sul, e fez mestrado em tributação internacional nos Estados Unidos. É autora do livro de poesia “Coração Achado”, publicado em 2015 em Angola e em Portugal e participou também da Antologia Feminina “O canto da Kianda” organizada pelo Movimento “Lev’Arte”. Em 2013, Elisangela foi uma das primeiras colocadas na competição The Spoken Word Project passando a representar Angola em diversos eventos internacionais. É Embaixadora de Angola e responsável pela comunicação da Copa Africana de Slam Poetry. É a curadora e slammaster do Luanda Slam e do Muhatu, primeiro concurso de spoken word só para mulheres em Angola.

¹ As transcrições das entrevistas foram feitas em diferentes momentos pelos então bolsistas: Cynthia Rachel Pereira Lima (Jornal Literatura Comunica), Mariana Nunes Lima (Bolsista de Iniciação Científica FAPERJ) e Vitor Manoel Fortunato dos Santos (Bolsista de Iniciação Científica FAPERJ).

Parte 1 - Série “Performance em falares portugueses”²

Miriane Peregrino - Bom dia tá no ar o “Cabe Mais 1”, o podcast do Jornal Literatura Comunica e hoje, dando continuidade a Série “Performance em falares portugueses” vamos conversar com a slammaster Elisangela Rita diretamente de Angola e o tema principal da nossa conversa é o Muhatu, primeiro concurso de spoken word feminino de Angola que a Elisangela criou em 2017. Para quem não sabe **Muhatu** significa mulher e é uma palavra da língua kimbundu, uma das línguas nacionais de Angola.

Primeiramente muito obrigada [Elisangela], por ter aceito esse convite, por tá aqui com a gente no “Cabe Mais 1”. Eu sempre brinco dizendo que o Luanda Slam foi um divisor de águas na minha experiência com Angola, né? O período em que eu morei aí, entre 2017/18... o Luanda Slam foi esse divisor de águas para mim. Era uma experiência até o encontro com o Luanda Slam. Passou a ser uma outra experiência depois desse encontro. E o impacto, como você sabe, foi tão forte que virou realmente meu tema de tese de doutorado. Depois, enfim, virou uma grande paixão e, de certa forma, esse trabalho que eu estou fazendo hoje, essa série “Performance em falares portugueses”, também é um desdobramento desse encontro.

A gente vai conversar [hoje] mais sobre o Muhatu, que é o concurso feminino que você promove aí em Luanda desde 2017, mas fica aqui registrado também o meu grande carinho pelo Luanda Slam. E uma coisa não está tão separada da outra como a gente vai ver ao longo da nossa conversa.

Antes da gente falar propriamente do Muhatu, eu gostaria que você contasse um pouco como foi seu encontro com o *spoken word*. Você começou a fazer poesia muito jovem também, tem livro publicado, mas ainda era uma poesia mais tradicional. Então, em que momento o *spoken word*, te atrai [e] você passa a fazer também o *spoken word*? Foi já em Angola mesmo ou foi depois do seu intercâmbio, no seu estudo na África do Sul, nos Estados Unidos? Como foi esse processo?

Elisangela Rita - Olá Miriane e a todos os ouvintes. Como é que eu comecei, ah... Eu entrei para a poesia como você bem disseste, mas a poesia escrita é que era o meu caminho mais tradicional, que eu já conhecia desde mais nova na África do Sul, mas quando eu voltei a morar em Angola, já tinha concluído a licenciatura, aí eu comecei a sentir falta de [me] aproximar de movimentos culturais, na verdade eu tinha uma falta

² O projeto “Performances em falares portugueses” consiste numa série de entrevistas iniciada em 2021 e faz parte da pesquisa de pós-doutorado. Até o momento foram entrevistados os artistas Alexandre Santini (Brasil), Alvim Cossa (Moçambique) e Elisângela Rita (Angola). No formato áudio, as entrevistas são divulgadas no Podcast Cabe Mais 1: <<https://anchor.fm/cabemais1>>. A entrevista com Rita está no EP 11 e foi ao ar em março de 2021. Essa entrevista foi anunciada no dossiê “Poetry Slam em tempos de coronavírus” que organizei no Jornal Literatura Comunica com apoio do Prêmio Ações Locais da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

mas eu não sabia bem do que era essa falta. Então, eu conheci o evento de microfone aberto de poesia *spoken word* que se chamava de **Artes ao Vivo**³ e passei a frequentar este espaço e comecei também a declamar os meus poemas neste espaço. E a essa altura eu também já estava envolvida com a organização do evento e o *spoken word* começou a ganhar mais espaço na minha vida. Comecei a penetrar mais nesse meio, portanto, foi mesmo em Angola. E eu fiquei dois anos a frequentar os eventos do microfone aberto e também a coordenar e ajudar. E depois no final, eu também já fazia parte da associação, fui co-fundadora da sessão Artes ao Vivo. Nesses dois anos fui me conhecendo melhor como poetisa, e em 2015, depois de ter participado da FLUP no Brasil, que também veio como consequência da minha posição no **The Spoken Word Project**, que é o projeto que a Miriane mencionou do Goethe Institut em Angola, um concurso africano de *spoken word*. Em função disso, eu fui convidada a participar na Flup no Rio de Janeiro em 2015 e no Festival Internacional de Artes do Zimbábwe.

Então, quando eu voltei desses festivais, eu estava muito entusiasmada e convencida que eu realmente poderia fazer também aquele tipo de eventos em Angola. Claro que era tudo um sonho, eu tinha que começar ainda que pequenino, e fizemos em 2015, o nosso primeiro Luanda Slam. E sim, desde então foi a continuar. Eu continuo a fazer poesias no *spoken word*. Cada vez tenho feito menos competições, e estou mais na parte da produção do slammaster e de eventos e atividades a volta do *slam*, né? E estou mais engajada nos processos de produção cultural do que tanto nas performances. Mas, apesar disso, ainda faço performances, ainda trabalho como artista de voz e com o *slam*. Então, o meu caminho ainda está muito misturado ao caminho da poesia.

Misturado na verdade do meu caminho é o caminho da poesia e do *slam*, que eu tenho muito orgulho, e gosto muito do que tem revelado sobre mim, sobre a cultura angolana. Sobre a vivência da juventude contemporânea luandense, angolana, então, eu gosto muito daquilo que o *spoken word* diz sobre mim e sobre a sociedade. E esse é essencialmente o momento em que eu estou.

MP - Elisangela, quem conhece a cena do *spoken word* de Angola, sabe o quanto a participação de mulheres foi restrita aí nos primeiros anos. Você, Bel Neto, são algumas das artistas que se destacaram quase que isoladamente nesse primeiro momento do *spoken word* em Angola. Vocês participavam dos eventos de microfone aberto, do Artes ao Vivo. Por que você acha que isso acontecia? Por que era tão difícil as mulheres participarem desses eventos e das competições? [...] Você é quem insere o elemento da competição nos eventos de *spoken word* em Angola e mesmo assim a participação das mulheres ainda [foi] muito pequena nestes primeiros anos. Hoje a participação das mulheres angolanas nesses eventos mudou bastante e eu acho que isso deve muito a

³ Artes ao Vivo é um evento de microfone aberto inserido em Luanda pelo rapper angolano Lukeny Bamba Fortunato, em 2004. Para compreensão da cena *spoken word* e do *slam* em Angola sugerimos a leitura do artigo “Do Artes ao Vivo ao Luanda Slam: marcos da poesia falada em Angola no século XXI” publicado pela autora na Parte 1/2022 do Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção e disponível no link: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/53357/29431>>.

criação do Muhatu em 2017. Antes do Muhatu, entre 2015 e 2016, entre os participantes do Luanda Slam, você tinha ali uma ou duas mulheres apenas. Eu lembro que, fazendo o levantamento sobre as edições, eu vi que na edição de 2016 apenas a Bel Neto participou do evento. Foi a única mulher. E você conseguiu mudar essa situação, mudar esse quadro, quando você criou o Muhatu, o *spoken word* feminino.

Eu estava morando aí na época, acompanhei essa discussão. Com o Muhatu você estabeleceu o que a gente chamaria no Brasil de “cotas para as mulheres”. Em 2017, você criou o Muhatu, meses antes do concurso anual do Luanda Slam e eu lembro que as cinco primeiras classificadas no Muhatu automaticamente ganharam uma vaga para o Luanda Slam daquele ano e isso reduziu as vagas para disputa geral no *Casting* e muitos participantes, muitos *slammers*, e também parte do público, criticaram bastante esse formato. Mas, ao mesmo tempo, foi muito visível como essa medida foi necessária e como ela mudou a cara dos participantes do Luanda Slam daquele ano. Realmente, ficou um quadro muito mais equilibrado, em termos de gênero, e você fez isso também em 2018, 2019. Eu gostaria que você dissesse como foi o Luanda Slam daquele ano, do ano passado [2020], e se você continua com esse sistema, o sistema adotado no Muhatu, para ingresso de mais mulheres ao Luanda Slam.

ER - Sim, a motivação para fazer o Muhatu foi justamente essa. Foi de ter feito as duas primeiras edições do Luanda Slam e ter visto a diferença esmagadora de participantes homens, mas principalmente porque eu conhecia as mulheres poetisas, *slammers* e se eu sabia quem elas eram, eu não tava percebendo porque que elas não competiram, não estavam a competir. Nós convidamos para o *Casting*, tentamos convidar o máximo de vezes, apelar para elas aparecerem e elas optaram por não aparecer ou poucas apareciam. E depois nem todas passavam no *Casting*. E no fim tivemos uma representação muito baixa, isso na segunda edição.

Então, eu percebi, sei lá. E nós, da equipe, percebemos que é uma questão que tinha que ser abordada de forma mais específica. Não direi com maior cuidado, mas eu acho que é diferente a forma como se atraem homens para o *slam* por aqui, em Angola, em Luanda, é diferente da forma de como atrair as mulheres. E os homens, talvez, tenham um espírito mais competitivo, ou tinham na época o espírito competitivo mais afinado e bastava saber que era uma competição e estavam dispostos a participar. As mulheres, não necessariamente. E, então, fazendo um concurso só de mulheres se criou como um ambiente propício [o concurso Muhatu] para elas se sentirem à vontade para competirem. E também, outro fator, é que os concursos eram sempre à noite e com as dificuldades de transporte público em Luanda muitas das mulheres não conseguem se movimentar em altas horas da noite e, então, acabavam por comprometer a sua participação, porque quando se tá num concurso tem que ficar de princípio até o fim. Então, normalmente, sai-se muito tarde e, por isso, fizemos o Muhatu, aí começar mais cedo e até um cadinho de atenção nesses detalhes. E até sobre as pessoas não gostarem, até bem pouco tempo... Aliás, todos os anos nós temos críticas de que “já chega”, que “já não é importante fazer o Muhatu” porque já tem mais mulheres que concorrem para

Luanda Slam e pras outras competições, mas eu continuo achar necessário, porque nós sabemos que a sociedade tem uma representatividade desigual. Não porque faltam mulheres na poesia, mas como eu disse, apesar de estarem na poesia, no *spoken*, muitas delas não tem a coragem de ir para frente para competir. Então, o Muhatu aí é necessário, porque também acaba sendo como uma pré-academia, uma das técnicas. Um dos formatos do Muhatu é antes fazer-se um *workshop*, algo principalmente para as poetisas principiantes [ganharem] algum conforto com o *slam*, com o *spoken word*. E, então, aumentar a sua chance na competição, mas esse ano em 2020, nós fizemos sim o Muhatu, só que foi um Muhatu mais longo, fizemos uma mentoria, então foi durante duas semanas a melhoria e elas tiveram aulas de vários temas como: escrita criativa, literatura, língua portuguesa, técnicas de palco, técnicas voz, liderança, e mais uma série de outros temas.

Fizeram mesmo aulas com professoras qualificadas no ramo e no culminar dessas aulas, elas depois fizeram concurso. E fizemos o Muhatu, né? Ainda era pandemia, mas já foi em outubro de 2020. Então as medidas de segurança, já estavam um pouquinho mais flexibilizadas e com o distanciamento social e uso de máscaras conseguimos fazer o evento assim mais pequeno, com um público reduzido e também conseguimos fazer *online* pela primeira vez. Tivemos uma concorrente a participar a partir do Huambo e já foi uma grande vitória para nós, porque conseguimos perceber que é possível fazer um concurso desses *online* aqui, em Angola, mesmo com algumas das dificuldades, mas correu tudo tranquilamente.

Então, sim, a trajetória do Muhatu tem sido essa. As cinco melhores passavam [para] o Luanda Slam. Esse ano nós já mudamos para três, portanto, as três melhores do Muhatu 2020 foram apuradas para o Luanda Slam 2020. Já não foram cinco foram três, e isso porque já começa a ver mesmo uma igualdade no Luanda Slam, como competição mais ampla e ambos os gêneros, procuramos ter um equilíbrio e já encontramos nos últimos dois anos, das duas edições já vimos a representação 50/50. Então, percebemos que podemos relaxar um pouco as medidas dessas “cotas”, como tu disseste, e passamos a fazer a apuração de apenas de três mulheres e não vamos reduzir, né. A ideia é ir reduzindo até retirar. Até agora nós não temos planos de tirar essa “cota” do Muhatu para a transição para o Luanda Slam.

MP - Pois eu torço para que você continue mesmo realizando o Muhatu. Porque quanto mais eventos de *spoken word*, de microfone aberto estiverem aí em Angola melhor. No Brasil, a gente tem também uma diversidade desses eventos. A gente tem os eventos regionais, os eventos temáticos também- Tem o Slam das Minas, no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo também tem. Então, quanto mais melhor, mais diversidade, mais possibilidade de encontro, de discussão através da poesia, é melhor mesmo.

Aí em Angola, eu sei que o cenário ainda é incipiente assim, vocês têm algumas competições anuais mais firmes, né? A primeira foi o Luanda Slam que você criou em 2015, o Muhatu em 2017, aí depois o Art sem Letras, ele promoveu o Slam Tundavala. A partir de 2018, eu mesma enquanto tava aí também organizei alguns eventos de *slam*,

mas aí não foram anuais, foram bem esporádicos, né? Enquanto eu tava aí trabalhando nessa época. Mas é isso, acho que tem que ter esses eventos e estimulando mesmo a participação das mulheres. Eu gosto sempre de dizer que o [concurso] Muhatu e deu uma virada no *spoken word* em Angola. Eu acho que eu já falei isso e vou repetir porque desde a criação do Muhatu em 2017, até a primeira mulher a ganhar, ser a vencedora do Luanda Slam, você tem aí um período de dois anos. Pode parecer um período curto, mas é um período, na verdade, em que foi feito muito trabalho de base. Eu entendo o Muhatu também neste sentido de um trabalho de base para estimular a participação das mulheres nesses eventos. A Nzola Kuzediua que participou e ganhou dois eventos de *poetry slam* em 2019 - o Luanda Slam e o Slam Tundavala - ela vinha concorrendo desde 2018 também, né? Então, a gente vê aí que embora um período de dois anos possa parecer curto, é um período também de amadurecimento. Em 2019, a gente tem também aí a criação do primeiro coletivo de *spoken word* de feminino, que é o Forno Feminino. Então, quer dizer, esses dois anos foram muito significativos para estimular a produção feminina, na verdade não a produção né? Porque a produção ela já existia, mas estimular realmente a participação no palco. Então, foi muito bacana essa virada. Eu acho que ela é muito perceptível a partir do Muhatu.

ER - Olha Miriane, eu acho que tu, com olhar de fora, numa perspectiva analítica e até acadêmica que tens feito destes movimentos literários aqui em Angola, acho que tu tá numa posição muito boa para fazer essa avaliação e eu concordo com a forma como tu puseste os termos. Eu acho que para mim era mais difícil de fazer essa avaliação, porque eu tô inserida no processo. E aí, como tu disseste, está tudo muito recente apesar de já serem pra lá de quantos anos, cinco? Seis anos. Mas ainda é tudo muito recente. Não se passaram dez ou quinze anos, né? Então tá tudo muito a acontecer em tempo real. Do que eu posso ver, eu fico muito feliz de ver os novos movimentos a surgirem, principalmente o Forno Feminino. Fico muito feliz de ver essas atividades. Tem também o Slam Lunar que é produzido pela Lua, que é das poetisas que têm se destacado mais nos últimos tempos.

Ela venceu nas competições passadas. Venceu no Muhatu passado, 2019, e também tá com uma força muito grande. Então, eu já não sou mais a única *slammermaster* mulher em Angola. Porque já tem ela também a fazer isso. Então, sim, há uma dinâmica. Eu acredito em criar espaço, abrir caminho, porque eu também vejo alguma tendência no processo cultural de fazer cultura aqui, não sei se é só em Angola, talvez nos outros países também... mas uma tendência é um pouco de monopolização dos espaços, né?

As pessoas criarem espaços e ficarem um pouco agarrada ao título de criador e impulsionadores, e eu entrei para o *spoken word* e para os eventos de microfone aberto e, neste contexto então, eu sempre fiquei muito alerta para não deixar isso acontecer comigo mesma. Porque o ego é uma coisa que pode sempre surgir se estivermos desatentos e, então, fiquei sempre muito alerta para não deixar isso acontecer comigo. Então, fico muito feliz de ver realmente aquilo que era o objetivo inicial se concretizar,

abrir espaço, fazer. Então, eu não pretendo levar comigo o mérito dos *spoken word* feminino em Angola. Eu pretendo ver várias mulheres do *spoken word* feminino em Angola, a impulsionar a fazer a ir bem mais além. A Nzola Kuzediua, dissestes e bem, que foi a vencedora do Luanda Slam, foi a primeira mulher a vencer o Luanda Slam e por causa disso também participou no Slam Viral [Lusófono]. A Nzola Kuzediua também ia para muitos espaços sozinha, já tem uma trajetória própria né, e bem merecida, porque ela é uma artista muito dedicada. Então, nós já começamos a ver isso, aliás, mesmo Bel Neto que é mais do meu tempo. A Bel Neto também tem os recitais dela. Ela não tá tão engajada nas competições, mas nos recitais, e nos eventos de poesia dela e na escrita, ela continua muito ativa. E a Bel Neto ficou em segundo lugar no Luanda Slam, em 2018, se eu não me engano. E também foi para a Copa Africana de Spoken Word em 2018 e foi a primeira mulher no fundo. Ela foi a primeira *slammer* das competições que eu organizo a se destacar. E então haja alguns nomes que nós começamos a ver e acompanhar, a Sandra [Bande], que venceu agora o Luanda Slam 2020, também veio com muita força e muita garra desde o Muhatu, e também já começa a fazer, e a deixar a sua marca. E sem falar da Irene, claro. A Irene A`mosi que, desde o primeiro Muhatu, tem muito potencial e agora começa a fazer, tá num coletivo com a Nzola Kuzediua, William Ribeiro e o Fernando Carlos.

Todos eles são tops do *spoken word* em Angola. Também estão com um projeto novo. Então, o meu objetivo sempre foi... nunca foi necessariamente exaltar a mulher, do papel da mulher, mas trazer as mulheres para um ponto de competição igualitário, em que nós possamos realmente dizer ok, entre Nzola Kuzediua e o Fernando Carlos eu gostei mais da performance do Fernando Carlos por isso ou da Nzola Kuzediua por [aquilo]. Num plano, talvez um pouco utópico, em que o gênero realmente não interfira na decisão, na escolha, na análise da arte. No mundo ideal, o gênero não deveria ser impedimento ou privilégio para o destaque de uma obra, de uma obra aberta, mas na verdade é.

Então agora que ela já consegue entrar mais exposta, já tem mais eventos, mais palco, mais bagagens, mais exposição que era algo que no início quando eu comecei não acontecia, os homens tinham muito mais espaço, muito mais estrada, né? E, por isso, tinham um desempenho maior e melhor nas competições. Então, como elas agora já estão com mais bagagem também, também agora já conseguimos analisar “de tu para tu”, como nós dizemos aqui em Angola.

E sim, ainda não são tantas, eu só citei umas quatro né, no universo tantas mulheres angolanas, tantas poetisas, só estamos a falar de cinco ou seis assim que se destacam, mas já são cinco, seis e já estamos a fazer, já estamos a ver a diferença realmente. Acho que estamos num histórico muito interessante de ouvir aquilo que as mulheres jovens têm a dizer.

MP - Você tocou num ponto muito importante agora e eu vou aproveitar esse gancho e fazer minha próxima pergunta: ouvir o que essas mulheres têm a dizer. E nesse tempo de Muhatu, desde 2017 até agora, o que você tem observado, assim, de conteúdo? Quais

são os temas que mais te chamam atenção, também no formato e nos conteúdos mesmo dos trabalhos que são apresentados? Eu vou estender um pouco mais essa pergunta também para o Luanda Slam, que já são aí sete, seis anos de Luanda Slam, e muita coisa aconteceu nesse período todo. Eu consegui realmente entrevistar muita gente que participou do Luanda Slam entre 2015 e 2018. Então, eu também tive acesso, não só pela internet né, vocês disponibilizam os vídeos dos principais artistas, dos primeiros colocados, mas também conversando com vários deles. Alguns me enviaram depois a poesia que concorreu, enfim. E, na época, me chamou muita atenção o teor político de muitos dos textos. Eu considero que é muito plural [o tom] dos discursos, mas eu gostaria de ouvir de você, o que te chama atenção nesses conteúdos? Na produção, não só das mulheres do Muhatu, mas no caso do Luanda Slam também.

ER - Sim, a temática vai mudando muito, acho que primeiramente segue o contexto social e político do momento. Eu acho que os poetas acompanham bastante bem aquilo que são os temas principais da atualidade. Foi assim em 2015 e continua sendo dessa forma. O que se escalará de diferente é uma maior vontade para falar também por causa do contexto político em que as pessoas já não são tão censuradas. Não que houvesse uma censura ativa, em 2015, mas havia pouco hábito e pouca leveza, o contexto era repressor. Mas agora já não se sente isso, então, as pessoas quanto mais jovens, têm maior leveza e facilidade para falar dos temas sociais e políticos. Em relação às mulheres, eu acho que depende muito da idade, do momento de vida que a mulher está a viver, por que nós mulheres vivemos muito os nossos processos internos e eu acho que isso não está só na poesia das mulheres em relação aos homens. Os homens normalmente têm poesias mais voltadas para o exterior, e as mulheres normalmente falam muito mais daquilo que passa dentro delas e, então, tem muito uma mulher mais jovem, que ela vai falar de temas que para outras pessoas podem ser mais superficiais ou mais infantis, mas que eu acho válido na mesma proporção. É o que ela está a viver na vida dela naquele momento. E uma mulher mais experiente vai apresentar, talvez, a temática, o mesmo tema, mas de uma forma mais abrangente ou pode falar de política e questões de gênero no mesmo poema, de formas, sei lá, criativas. Enfim, o que eu quero dizer é que os temas acabam se repetindo, mas muda muito como eles são apresentados por causa dos processos internos de cada um dos poetas e por causa do momento do contexto muito político em que estamos a viver. Então, eu acho que os temas sempre vão se repetir de certa forma. Através dos tempos sempre se vai falar de opressão, seja ela das mulheres, seja ela das pessoas negras, seja ela dos homens também, seja ela da política, sempre se vai falar da pobreza e diferenças sociais. São coisas que afligem as pessoas e, por isso, dão muita inspiração para fazer artes. Sempre se vai falar de amor e de sentimentos. Sempre se vai falar de tudo do país, da cidade, do bairro e daquilo que é bom, daquilo que traz nostalgia, daquilo que dói, das injustiças. Então, eu vejo os temas repetirem-se, mas desde que eles não sejam apresentados da mesma forma, não acho mal. O que também tem acontecido ultimamente é, de certa forma, um transporte da retórica estrangeira desde que passamos a ter mais exposição a poesia feita no Brasil,

em Portugal, nos Estados Unidos. Então, vamos vendo também os temas a serem apresentados um pouco, ou seja, a nossa identidade, da forma que nós fazemos poesia está a mudar, pois estamos a ser influenciados por outros países, pela poesia e pelos poetas de outros países. Então, os temas também vão se expandindo, graças a isso, né? Porque agora temos mais informação e os sistemas são mais diversos, mas rodam todos um pouco à volta dos mesmos grupos de temas que eu acabei de dizer.

MP - Um outro ponto, que é importante a gente conversar aqui também, é que o movimento do *spoken word* em Angola já tem mais de 15 anos. Esse movimento de microfone aberto já é mais antigo, mas a competição da *poetry slam* é recente. Essa competição, com as regras dos três minutos, de não poder usar adereços, enfim, esse formato, essa competição é mais recente e foi você quem introduziu esse formato em Angola há cerca de seis anos. Mas as origens do *spoken word* e da *poetry slam* são diferentes, elas se encontram, de uma forma geral, elas se encontram nesse movimento, mas são diferentes. O *spoken word* tem uma origem afro-americana, a *poetry slam* já tem um formato diferenciado, com regras estipuladas, uma série de regras que vão sendo mais ou menos adaptadas em cada país, mas foram criadas pelo poeta Marc Smith, que tem aí uma descendência também italiana. Então, são origens diferentes, mas que se encontram de uma forma na periferia do mundo globalizado. Então, para você, qual o impacto da *poetry slam* na oralidade africana, mais especificamente angolana? E qual o impacto dessa oralidade sobre esses movimentos?

ER - Muito boa essa pergunta. Eu costumo dizer que, apesar do *spoken words*, o *slam* como nós conhecemos, terem nascido Estados Unidos, origem afro-americana e essa mistura que tu disseste, mas nós em Angola temos a nossa forma de fazer o *spoken word*. Da forma como os poetas angolanos declamam, nota-se a diferença, nota-se a identidade angolana. Acho que acontece com a maior parte dos países, mas nós somos produto e fator da oralidade angolana. Nós estamos a redesenhar como a tradição oral é e continua a ser. A tradição oral aqui não é um dinossauro, continua a acontecer. Talvez nos meios de Luanda, por exemplo, que é mais cosmopolita, talvez menos, mas ela continua a acontecer e nós estamos a dar essa roupagem mais globalizada da coisa.

E nós não deixamos de ser produto dessa herança, que trazemos conosco, de contar histórias. Tanto que tu tens poetas aqui em Angola que são... como é que eu digo?... contadores de histórias. Eles, talvez, num outro concurso de slam, não fossem ganhar, mas aqui, para o nosso contexto, nós entendemos muito bem. Então, eles são contadores de histórias, são pessoas que não tem tanto jeito *hip-hop* de fazer a coisa, mas tem uma forma muito anciã de apresentar os temas. Anciã africana, assim, angolana. Então, eu vejo muito isso acontecer, não são muitos, mas há alguns. Então, nós vamos nos reinventando, assim, né? Trazendo aquilo que já faz parte da nossa cultura e, é claro que depois disso, depois do *spoken word*, não tem como a oralidade, pelo menos nos meios urbanos, não tem como a oralidade continuar a mesma. Dizer que é a mesma coisa, nunca mudou nada não, a figura dos *Griots*, a figura dos contadores de

histórias transfere-se só um pouquinho para os poetas, não só slammers mas para os poetas que reúnem o público a volta [da fogueira] e existem aqui, em alguns bairros da periferia, aqui em Luanda, quando há esse tipo de eventos, principalmente de gente dentro do bairro que fazem o Antônio Paciência e o Pedro Belgio, por exemplo, são eventos que eles fazem mesmo dentro da comunidade, reúne muita gente e, então, tu vê acontecer a mesma magia que acontece quando se fala de tradição oral mas do formato mais tradicional, com pessoas engajadas, crianças, adultos, todo mundo hipnotizado ao ouvir aquele conto de história e pouco importa a veracidade do que ele tá dizendo, né? Mas o importante é o momento que você vive.

MP - 2020 foi o ano realmente que ninguém pôde fugir de atividades *online*, inclusive eventos de *poetry slam*. A gente teve uma série de eventos de *poetry slam online* que ocorreram no mundo todo no ano passado. Eu gostaria de saber de você Elisangela, como você avalia esses eventos? Principalmente aí em Angola, o que que foi positivo? O que que você pode considerar negativo nesse formato de evento de *poetry slam online*? E quais são suas expectativas para o Muhatu, para o Luanda Slam, de 2021?

ER - 2020 foi uma grande prova. Quando aconteceu o primeiro slam online, foi o Slam Viral [Lusófono], um dos primeiros que eu tive conhecimento. Nós estávamos todos muito preocupados com a aderência do público, se por ser *online*, os custos de internet. Será que ia valer a pena, será que ia funcionar? Então, foi uma experiência meio às cegas, mas resultou e começamos a ver que era possível. Então, nós conseguimos fazer os outros eventos também *online* e, depois, já conseguimos fazer meio *online*, meio presencial. Mas aprendemos que, afinal, é possível e nessa possibilidade crescemos, começamos a ver outras formas de fazer, formas mais inclusivas, né? Porque os custos de infraestrutura tecnológica, internet e etc... Fomos arranjando alternativas. Então, já vimos que é um outro informativo, apesar que as apresentações *onlines* não substituem as presenciais, claro, mas também não ficam tão a dever. Não é aquilo que eu imaginava, que ninguém ia querer assistir o *slam online*. Não, as pessoas querem assistir. É um outro formato de público, é um outro formato de evento. Há ainda as pessoas com a possibilidade de assistirem presencialmente, tem pessoas que preferem assistir *online*, eu também já vi isso acontecer no Muhatu e no Luanda Slam deste ano. Então, é uma nova forma de fazer os eventos e, sim, eu acho que é uma forma que veio para ficar.

A expectativa para o Muhatu este ano [2021] é que nós vamos ver ainda se vamos conseguir fazer novamente a mentoria que foi uma edição especial que fizemos em 2020, mas que deu muito certo, que gostamos imenso da experiência e do feedback. Mas, sim, cada ano que passa, a qualidade das poetisas aumenta e o que eu gostaria de fazer é fazer o Muhatu com mais poetisas de fora de Luanda e essa seria a minha expectativa para o Luanda Slam. Eu espero poder fazer um evento de maior dimensão, com maior abrangência, como atrair um público um cadinho fora do nosso público comum, seria o que eu gostaria de ver acontecer. Talvez proliferar um pouco, ir mais

para dentro das comunidades, enfim, coisas que nós já planejamos há alguns anos e nunca conseguimos fazer. Mas todo ano a esperança se renova, né? E acho que é isso.

MP - Elisangela para concluir eu preciso saber como foi sua aproximação da Brigada Jovem de Literatura em Angola. Eu gostaria que você contasse como foi esse processo e quais as suas expectativas para Brigada. A Brigada tem um histórico muito importante na produção literária pós-independência em Angola, né? Ela ficou parada por um tempo no início dos anos 2000. Eu tenho visto um movimento, através das redes sociais, de volta, de retorno da Brigada. E eu gostaria de saber de você, como tem sido a sua participação.

ER - A Brigada. Eu passei a fazer parte da direção executiva da Brigada Jovem de Literatura. Sou a secretária executiva adjunta e eu tenho uma história interessante com a Brigada porque o meu pai foi um dos fundadores. [Ele] esteve na fundação da Brigada e me convidaram também sem saber dessa informação. Eles me convidaram para trabalhar com eles e eu aceitei mesmo por ser um desafio, por ser uma instituição que precisa de renovação, que a última direção ficou quase 20 anos. Então, a ideia é trazer algum dinamismo e essencialmente trazer uma aproximação daquilo que era o objetivo inicial porque a Brigada foi criada como um órgão, apesar do momento político que se vivia era com intenção de ser um órgão apartidário, apolítico que fazia apenas, que treinava escritores e aspirantes de escritores. Era um escape onde se podia fazer arte e não política. Então, o objetivo é um bocado desse, resgatar tudo isso, resgatar esse movimento social e literário e despir um pouco do costume que existia, e também trazer um bocado de novidade. Nós fomos empossados e muito bem recebidos pelo executivo anterior e eles mesmo nos manifestaram esse interesse, essa vontade que já era antiga de dar um dinamismo a Brigada. (...)

É para jovens escritores. Jovens que estão a ingressar na escrita e eu acho que para mim é um desafio bem interessante porque faz o casamento de dois mundos que para mim nunca se cruzaram né? A literatura mais tradicional e o *spoken word* e os movimentos de poesias de rua e de competição. Então, eu acho que pode ser um casamento bem interessante.

MP - Nossa, eu não sabia dessa história de que o seu pai também tinha sido fundador! Um dos fundadores da Brigada. Eu não sabia disso. Quando eu estava aí, a Brigada estava bem parada na época e, depois pelas redes sociais, eu vi que você estava se aproximando. Eu achei super interessante essa notícia, essa história... Fiquei super curiosa para saber como vai se dar esse casamento, essa relação entre uma literatura um pouco mais canônica e o *spoken word* em Angola. E, nossa! Boa sorte! Eu acho que vai ser muito interessante, muito bacana. Do lado de cá, eu vou ficar sempre tentando acompanhar o que que vocês estão fazendo. Muito obrigada, Elisangela, pela participação, por essa conversa e a gente vai ficando em contato. Estou com muita saudade de Luanda, você não sabe como, viu? Muita saudade de Luanda. Adoro essa

cidade, então, é isso? Um beijão para você e mais uma vez obrigada.

ER - Muito obrigada, Miriane. Obrigada primeiro pelo seu trabalho, pela sua pesquisa e investigação de academia. A história da literatura angolana agradece imenso. O teu trabalho, eu acho que só mais adiante nós vamos perceber o valor que tem. Eu somente agradeço porque eu tô do lado a fazer ele, do lado do movimento, e tu tás do outro, né? Mas o movimento é o mesmo, é resgatar essas alternativas mas tão importantes, fontes de artistas angolanas que também retratam o movimento, retratam o movimento cultural que o país vive. Não menos importante que as outras formas de arte. Tão importante quanto todas elas, então, do meu lado, muito obrigado.

Parte 2 – Janeiro de 2023⁴

MP – [Elisangela] a última edição do Muhatu não teve concorrentes? Vocês chegaram a anunciar uma chamada, não teve inscrições?

ER - Olá, Miriane! Na última edição do Muhatu, que foi agora em 2022, em dezembro, nós decidimos ir por um caminho diferente. Como estávamos a celebrar o quinto aniversário... são cinco anos do Muhatu, o Muhatu foi criado em 2017, então, nós achamos que podíamos criar uma edição especial. E, então, seguimos a criar a edição “Muhatu Cinco Estrelas”. Cinco estrelas pelos cinco anos [do concurso], mas também pensamos, nessa edição especial, ao invés de termos participantes novas, pensamos em convidar as cinco mulheres de maior destaque no *spoken word* angolano. Seriam, então, as cinco estrelas. Mas quando começamos a fazer a lista chegamos à conclusão de que não seria possível reduzirmos o número a cinco, porque elas eram pelo menos doze, treze mulheres. E não dava para fazer uma lista tão pequena sem deixar grandes nomes para trás. E, então, decidimos fazer o dobro. Uma matemática simples de cinco vezes dois. E fizemos a homenagem a dez mulheres. Então, estas mulheres são as mulheres homenageadas e elas foram, então, convidadas e declamaram textos sem que tivesse competido. Então, foi uma edição especial [Muhatu], o que não tinha acontecido antes. Mas foi uma edição bem especial porque na participação, na declamação, conseguimos juntar num mesmo palco mulheres que acho que nunca tinham estado numa competição juntas, em um mesmo evento de poesia porque são de temporadas diferentes, de períodos diferentes. Tivemos mulheres como a Bel Neto, que tal como eu, esteve lá no início de 2012, 2013, 2014, antes do Muhatu existir. Pô-las no mesmo palco que uma

⁴ A Parte 2 traz trechos de entrevista realizada, de forma remota, em janeiro de 2023. O objetivo foi atualizar informações e dados sobre os eventos, em particular, sobre a edição especial “Muhatu 5 Estrelas”.

Sandra Bande, que é bem mais nova e um dos nomes mais recentes, tal como a Joice Zau, por exemplo. Então, foi uma mistura bem interessante ter, por exemplo, a Sankofa que também é um nome bem conhecido no meio de *slammers*, mas que está um pouquinho fora dos palcos ultimamente, e então nunca partilhou palco com estas concorrentes, estas *slammers* mais novas, mais recentes. Então, foi uma experiência bem interessante, ter esta mistura. E, nós, inicialmente, até pensamos em ter uma competição, mas depois sentimos que seria um desserviço pô-las a competir porque não há como competir. Haver até há, mas não era o nosso intuito escolher quem é a melhor entre Luana Bartolomeu, Irene A'mosi... São etapas diferentes, são estágios diferentes, são poesias diferentes. Então, queríamos trazê-las sem o elemento de competição.

MP - Por que fizeram uma edição de homenagem às dez poetisas angolanas? Como foram definidos os nomes das poetisas que “impactaram” o *Spoken Word* angolano?

ER - Para chegar aos nomes dessas dez mulheres, fizemos uma lista, primeiro de quem foram as mulheres que já venceram o Muhatu ao longo destes anos, e depois, quem foram as mulheres que venceram outros *slams* além do Muhatu. Portanto, fizemos a lista das mulheres que venceram o Muhatu, temos Ana Paula Lisboa, temos Luana Bartolomeu, a Nzola Kuzedíua, e temos mais também a Lua, por exemplo. Então, nós achamos que não seria justo. Fomos, então, ver outras mulheres que venceram outros *slams* e que também tem estado a divulgar e a propagar o *spoken word* angolano e a bandeira feminina, de certa forma. O que é o caso da Joice Zau que não ganhou nenhum *slam* em Angola, por acaso, mas ganhou *slams* internacionais pelo Brasil, e foi representar o Brasil, e representar Angola, em competições internacionais. Então, achamos que não chamar uma pessoa que está a fazer esta trajetória não faria jus ao propósito do Muhatu. E que é também o caso da Bel Neto que por ter estado [finalista] no Luanda Slam, em 2017, foi representar Angola na [Copa Africana de] Slam Poetry [2018]. Lembrando que ela foi representar porque o vencedor naquele ano, que foi o Fernando Carlos, não pode participar por questão de ordem pessoal. Então, ela por estar em segundo⁵ lugar foi a pessoa a seguir. E, então, isto é um feito. [Bel Neto] é a primeira e única concorrente angolana a... quer dizer, a única não porque depois o DJ Huba já participou, mas [Bel foi] a primeira angolana a concorrer na Copa Africana de Slam Poetry e não tinha como ficar de fora [do Muhatu 5 Estrelas]. O caso também da Irene A'mosi que ficou em segundo lugar em muitos *slams* e que ganhou também alguns outros, o caso também da Sankofa que também ficou em segundo lugar no Luanda Slam anos consecutivos, enfim. O caso da Nadine Moraes que, apesar de não ter

⁵ Aqui a entrevistada Elisângela, se confundiu, pois o pódio do Luanda Slam de 2017 foi: 1. Fernando Carlos, 2. Bona Ska e 3. Bel Neto. Além de eu ter assistido a edição de 2017 presencialmente e ter coletado esses dados, no Youtube do Luanda Slam também está disponível a classificação dos finalistas da edição de 2017, conforme links destacados abaixo e acessados em 26/04/23: Luanda Slam 2017 - Fernando Carlos (Vencedor): <<https://www.youtube.com/watch?v=cCTWa3UB3YQ&t=5s>>; Luanda Slam 2017 - Bona Ska (2º lugar): <https://www.youtube.com/watch?v=LEEgGW5ihTY>>; Luanda Slam 2017 - Bel Neto (3º Lugar): <<https://www.youtube.com/watch?v=wCbgXjtKzDM>>.

ganho *slams*, teve uma propagação muito forte nos *slams* [daqui], participou de vários *slams* e eventos de poesia e teve uma explosão muito grande da sua poesia. Em muito pouco tempo, a Nadine Moraes ganhou muito protagonismo, apesar de que há algum tempo não a vemos nos palcos, mas é uma poeta que realmente explodiu, assim, de repente, com muita carga e muita intensidade. E foi, mais ou menos, essa a lógica [dos convites para o Muhatu 5 Estrelas]. Depois, foi difícil porque tínhamos outros nomes na lista, mas eventualmente tivemos que fazer uma seleção. A equipe produtora do Muhatu, que é o time Luanda Slam, teve de sentar e fazer uma votação, porque, realmente, para chegar aos dez nomes tivemos de deixar alguns nomes de fora, e foi com muito pesar, não é? Mas tivemos estes critérios e os critérios foram estes: primeiro ter sido vencedora do Muhatu ou de outros *slams*, ter estado em segundo lugar ou no top três em *slams* recorrentes mais de uma vez, e ter causado algum impacto ou ter tido uma participação impactante no *spoken word* angolano. E isso não somos só nós a definir, é também ver qual foi a repercussão e as performances dessa pessoa, e que repercussão teve.

MP - Desde a criação do Muhatu, foi a primeira vez que não teve ingresso direto de mulheres para o Luanda Slam. Como você avalia essa mudança? Certa vez, você me disse que a ideia era mesmo que um dia não precisasse mais desse formato "de cota" e que as mulheres seriam de igual no *Casting*. Foi assim no Luanda Slam de 2022?

ER - Olha, é... não tivemos o "sistema de cotas" apenas porque não houve competição [no Muhatu 5 Estrelas]. Porque se tivéssemos tido uma competição, de certa forma, nós... nós teríamos feito esse sistema de cotas, porque nós ainda acreditamos que seja necessário e prova disso foi o Luanda Slam [2022], que aconteceu no dia seguinte [do Muhatu 5 Estrelas], teve uma maioria de participação de homens. Portanto, a cada ano que passa, nós pensamos que talvez já não seja necessário esse "sistema de cotas", de trânsito... de transitarem mulheres direto do Muhatu, as cinco melhores do Muhatu, as três melhores do Muhatu, transitarem [direto] para o Luanda Slam, mas, depois, quando chega o evento, nós percebemos que ainda é necessário. Foi o que aconteceu este ano [2022], nós tivemos a participação de três mulheres num elenco de dezenove concorrentes, portanto três mulheres para dezesseis homens. É um número impensável e realmente a equipe ficou, ficamos, um cadinho tristes quando percebemos isso, porque tudo começou já no *Casting* do Luanda Slam. Tivemos poucas mulheres, como sempre temos poucas mulheres a participarem do *Casting* e dessas mulheres, acredito que foram cinco concorrentes, mulheres que participaram do *Casting* do Luanda Slam, apenas três foram apuradas. Peço desculpas, apenas duas, porque a terceira mulher que teve no Luanda Slam foi a Irene [A'mosi], que esteve no top três do ano passado do Luanda Slam e, por isso, foi apurada automaticamente para o Luanda Slam deste ano e acabou vencendo o Luanda Slam deste ano! Portanto, apenas duas mulheres passaram no *Casting*. Então, realmente, se nós tivéssemos feito um concurso, se tivéssemos feito uma apuração direta, nós teríamos tido mais mulheres no Luanda Slam deste ano

[2022]. O que nos lembra da necessidade, da importância de mantermos esse “sistema de cotas” e, certeza, que no próximo ano vamos manter. E pra finalizar eu queria só dizer que foi bem bonito ver que as três mulheres que participaram do Luanda Slam de 2022 chegaram até a final. E pra duas delas foi o primeiro *slam*, nunca tinham concorrido antes. E elas a celebrarem quando perceberam que as três tinham passado pra final. E, de resto, nós fizemos um evento que foi um bocadinho diferente porque decidimos, dessa vez, fazer na rua. Fizemos na Mutamba, na Baixa de Luanda, na parte velha da cidade, numa rua sem movimento de automóveis. E foi propositado porque o *spoken word* tem essa componente urbana e de maior conexão com os movimentos urbanos da cidade, das suas cidades, e achamos importante levar o *spoken word* pra rua. Luanda é uma cidade de difícil locomoção, em que o conceito rua e fazer eventos de rua ainda é um bocado complicado. Ainda não temos certas condições e mobilidades pra poder fazer, mas é, tentamos. Ainda não é o evento de rua que esperamos um dia poder fazer, com maior abrangência, numa rua mais movimentada ou dentro, num local que mais represente quem está lá a participar, mas achamos que era importante dar esse passo. Sair, tirar o evento das casas de espetáculo, dos auditórios, das salas fechadas, porque a produção achou que o Luanda Slam é de Luanda, né, então, tê-la com o pano de fundo, ter a vista da cidade, estar na rua, na cidade, no centro, na parte velha da cidade, numa das ruas mais icônicas e mais antigas da cidade, que é ali ao lado da Rua Rainha Ginga, que é a rua se não principal, a segunda rua principal e mais antiga da cidade... Foi muito simbólico e bonito. É algo que deu um pouquinho mais de trabalho na produção, mas que ficou bem agradável, e tivemos *feedback* positivo por causa dessa decisão. Então, tenho muito carinho pela edição de 2022, que foi a 8ª Edição.

MP - Elisangela, eu procurei informações sobre o Muhatu 2021 e não achei nada nas redes do evento. Na página de vocês encontrei informações sobre a edição de 2020 e a edição especial de 2022, mas nada de 2021. O que aconteceu? Vocês não fizeram uma edição em 2021? Gostaria de aproveitar e te perguntar mais duas coisas, ambas sobre os critérios de inscrição no Muhatu. A primeira edição, em 2017, foi bem flexível, não vi nenhuma especificação na chamada de inscrições para o Muhatu, mas chamou minha atenção que para a segunda edição, em 2018, vocês anunciaram que as candidatas tinham que ter nacionalidade angolana. Depois esse critério não foi mais divulgado em nenhuma das edições posteriores, no entanto, surgiu outro critério, ou melhor, outra especificação em 2019. Pela primeira vez vocês anunciaram na chamada que podiam se inscrever no Muhatu pessoas que se identificassem como mulheres, ou seja, tornou o Muhatu aberto para mulheres trans também. O que motivou essas mudanças, essas especificações nas chamadas de inscrição?

ER - Pois é, nós viemos do período de pandemia em 2020, em que nós conseguimos, apesar de todas as restrições e dificuldades para realizar eventos, nós conseguimos realizar o Muhatu em 2020. Foi quando fizemos a mentoria e abrimos, assim, uma nova página do Muhatu, que pretendemos dar continuidade, que é o Muhatu em formato de

mentoria, em formato de programa de formação e que vai além [da competição] dos *slams*. Então, em 2021, por diversos fatores, principalmente pela dificuldade de reunir a equipe, o Muhatu é realizado pela equipe do Luanda Slam, como eu já disse, e todos são voluntários, nenhum de nós tem algum tipo de remuneração ou benefício. Então, em 2021, infelizmente, não conseguimos, por questões de agenda, reunir a equipe necessária para realizar uma edição que fizesse jus à edição anterior, de 2020. Nós não conseguimos. Nós não quisemos fazer um evento que fosse dar passos para trás, diante daquilo que o Muhatu estava a crescer, e fazer apenas um *slam*, com pouca organização. Então, decidimos, na última hora, cancelar o evento de 2021, que já estava meio em processo de produção. Mas tivemos que cancelar porque vimos que não teríamos os recursos, humanos no caso, de realizar um evento que fosse dar sequência àquilo que tínhamos começado em 2020.

Em relação à segunda pergunta, sobre a regra da nacionalidade. Não, nós nunca criamos uma regra de nacionalidade com o Muhatu. Inicialmente, este requisito estava omissa, nós tínhamos apenas o requisito de idade, que tinha que ter mais de dezessete anos e tinha de ser um poema de autoria própria etc etc, e que tivesse que ser mulher, mas não tínhamos um requisito de nacionalidade. E aconteceu justamente que nas primeiras duas, na primeira edição, ganhou a Ana Paula Lisboa, que é mulher brasileira. E isso, sim, realmente criou alguns desconfortos entre muitas pessoas que disseram, que achavam, que deveria ter sido uma pessoa angolana a ganhar. Sendo que nós nunca tivemos isso como requisito, não tínhamos como não permitir a participação de uma pessoa estrangeira e pronto, não é? A única questão é que o Muhatu dá o apuramento para o Luanda Slam, é pelas “cotas”, e o Luanda Slam depois dá o apuramento para representar Angola [em eventos internacionais]. E nós, quando aconteceu da Ana Paula Lisboa ganhar, nós tivemos uma conversa com ela explicando que não havia qualquer questão que ela ganhasse, que ela participasse e ganhasse o Muhatu, mas que ela iria, então, ser qualificada diretamente para o Luanda Slam daquele ano, mas que, depois, iria causar um problema se ela ganhasse o Luanda Slam também porque o Luanda Slam já tem o requisito de nacionalidade. E, então, ficamos realmente numa situação difícil. No ano seguinte, [no Muhatu 2018] ganhou a Luana Bartolomeu, que é brasileira, mas a Luana também é angolana. Ela tem dupla nacionalidade, então, isso não seria uma questão, se ela depois participasse do Luanda Slam e ganhasse. Nós acreditamos que o Luanda Slam... que o Muhatu não precisa ter a regra de nacionalidade a não ser que mude alguma coisa no futuro. E, em relação as pessoas que questionaram, nós entendemos a preocupação das pessoas. Entretanto, nós não vemos a necessidade de limitar, porque o Muhatu celebra mulheres, mulheres da palavra, e se estas mulheres estiverem a viver em Angola, em Luanda, não há o porquê elas não participarem do concurso. Na natureza do Muhatu cabe perfeitamente a participação de pessoas, de mulheres de outros países.

[Sobre a terceira pergunta] É, a partir de 2019, nós passamos a incluir a chamada para pessoas que se identifiquem como mulheres, mesmo para abrir um pouco o leque e para poder, caso houvesse essa situação, para abrimos, estendemos o convite à

mulheres trans. Mas anda não aconteceu. Desde então nunca tivemos a inscrição de uma mulher trans. Sabemos que em Angola ainda não há muita abertura para que as pessoas trans venham a público. Ainda existe muito tabu, muita discriminação, e então achamos, por esse motivo, achamos normal que não tenhamos tido inscrições, apesar de sabermos que existem mulheres trans [em Angola]. Existem, provavelmente, a fazerem e escreverem poesia de muita qualidade, mas não as conhecemos porque ainda não tivemos, pelo menos eu não estive em nenhum evento de poesia em que vi a participação de uma mulher trans. Então, a questão da identificação, da identidade de alguém que se identifique como mulher está na chamada, mas [até] este momento só tivemos [inscrições] de mulheres cisgênero. Então, também é uma questão que ainda não se levantou. Acreditamos que, quando acontecer, vai ser também uma questão que muita gente, se calhar, não vai concordar, mas nós temos como objetivo no Muhatu, realmente, celebrar a palavra da mulher e acreditamos que isto inclua a palavra da mulher trans.

E, sim, não tínhamos esta observação em 2017 e 2018, por também uma questão de processo de amadurecimento nosso, da produção. Não era uma questão que nós tínhamos, sobre a qual nós tínhamos atenção. Entretanto, nós sabemos que temos, por exemplo, em Angola, o caso da Titica, que é uma mulher trans, super aceita e celebrada e popular. E, imaginemos, que nós teríamos uma inscrição da Titica para participar no Muhatu e nós não quereríamos dizer não. Não quereríamos ter de fechar a porta porque ela realmente identifica-se, e se posiciona e vive a vida como mulher. E essa é a identidade dela e nós iríamos respeitar e acolhê-la em nosso concurso, no nosso evento. Mas, entretanto, nós sabemos da situação, da discriminação que existe ainda em Angola. Espero ter respondido. Obrigada!

MP – Retomar esta conversa sobre o Muhatu foi uma ótima oportunidade de atualizar e aprofundar questões que apenas iniciei no artigo “Muhatu e a virada do spoken word em Angola” que, na época, escrevi ainda sob o impacto do primeiro contato com a cena do slam com mulheres em Angola. Obrigada!

*Recebido em 01/03/2022
Aceito em 03/11/2022*

ⁱ **Miriane Peregrino** é Jovem Pesquisadora Fluminense da FAPERJ com o projeto “A expansão dos campeonatos de *poetry slam* em países de língua portuguesa” e Professora visitante do PPGCL/UFRJ. Tem doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Realizou estágios de pesquisa no Romaniches Seminar da Universität Mannheim (UNI-Mannheim) e no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität zu Köln (Uni-Köln), ambos na Alemanha, e no Centro de Estudos Amílcar Cabral, na Guiné Bissau. **E-mail:** miriane.peregrino@gmail.com